



## Uma discussão sobre as identidades dos “Filhos de Deus”, das “Filhas dos Homens” e dos *Nefilim* do capítulo 6:2,4 de *Gênesis*

A Discussion about The Identities of the “Sons of God”, the “Daughters of Men” and the *Nephilim* of *Genesis* 6:2,4

Manu Marcus Hubner\*

**Resumo:** A Bíblia Hebraica preserva, em *Gênesis* 6:1-4, uma narrativa extremamente curta, pobre de detalhes e de difícil compreensão sobre misteriosos seres pré-diluvianos que se relacionam com mulheres humanas, dando origem a descendentes supostamente gigantes ou heróis. Seriam esses seres pré-diluvianos anjos ou apenas homens importantes, tais como governantes tiranos? Este artigo discute as identidades desses seres e de seus descendentes, seus relacionamentos com as mulheres humanas e os possíveis desdobramentos desses relacionamentos.

**Palavras-chave:** Bíblia. *Nefilim*. Gigantes.

**Abstract:** The Hebrew Bible preserves, in *Genesis* 6:1-4, a narrative extremely short, poor in details and difficult to understand about mysterious pre-flood beings that have relationship to women, giving rise to offspring supposedly giants or heroes. Were these pre-flood beings angels or just important men such as tyrant rulers? This paper discusses the identities of these beings and their descendants, their relationships with women and the potential consequences of these relationships.

**Keywords:** Bible. *Nephilim*. Giants.

A narrativa do início do capítulo 6 de *Gênesis* (Gn<sup>1</sup> 6:2-4), que antecede o dilúvio, parece preservar uma passagem mitológica, profana, problemática do ponto de vista da didática da Bíblia Hebraica,<sup>2</sup> que é, em essência, não mitológica: a história do relacionamento entre os “*bnei haElohim*” e as “*bnot haAdam*”, e de seus descendentes.

E foi quando começou o homem a multiplicar-se sobre a face da terra, e nasceram filhas a eles. (v. 1)

וַיְהִי כִּי הִחַל הָאָדָם לָרֶב עַל פְּנֵי הָאֲדָמָה וּבָנוּת יְלָדוּ לָהֶם:



E viram os filhos dos senhores<sup>3</sup> que as filhas do homem eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. (v. 2)

וַיִּרְאוּ בְנֵי הָאֱלֹהִים אֶת בָּנוֹת הָאָדָם כִּי טֹבוֹת הָנָה וַיִּקְחוּ לָהֶם נָשִׁים  
מִכָּל אֲשֶׁר בְּחָרוּ:

E disse o Eterno: 'Não lutaré comigo o Meu espírito, por causa do homem para sempre, porque também ele é carne; e serão os seus dias cento e vinte anos'. (v. 3)

וַיֹּאמֶר יְהוָה לֹא יִדּוֹן רוּחִי בָאָדָם לְעֹלָם בְּשָׂגֵם הוּא בָשָׂר וְהָיוּ יָמָיו מֵאָה  
וְעֶשְׂרִים שָׁנָה:

Os gigantes estavam na terra naqueles dias, e também depois, quando conheceram estes filhos dos senhores as filhas do homem, e lhes deram filhos; estes foram os valentes que sempre houve, varões de renome. (v. 4)

הַנְּפִלִים הָיוּ בָאָרֶץ בְּיָמֵים הָהֵם וְגַם אַחֲרָי כֵּן אֲשֶׁר יָבֹאוּ בְנֵי הָאֱלֹהִים  
אֶל בָּנוֹת הָאָדָם וַיִּלְדוּ לָהֶם הַמָּה הַגִּבֹּרִים אֲשֶׁר מְעֹלָם אֲנָשֵׁי הַשָּׁמַיִם:

E o Eterno viu que era grande a maldade do homem na terra, e que todo impulso dos pensamentos do seu coração era exclusivamente mau todo dia. (v. 5)

וַיִּרְא יְהוָה כִּי רַבָּה רַעַת הָאָדָם בָּאָרֶץ וְכָל יִצְרָן מַחְשַׁבַת לִבּוֹ רָק רַע כָּל  
הַיּוֹם:

E arrependeu-se o Eterno de ter feito o homem na terra, e pesou-lhe em seu coração. (v. 6)

וַיִּנְחַם יְהוָה כִּי עָשָׂה אֶת הָאָדָם בָּאָרֶץ וַיִּתְעַצֵּב אֵל לִבּוֹ:

E disse o Eterno: "Farei desaparecer o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até o quadrúpede, até o réptil e até a ave dos céus; porque Me arrependi de os haver feito. (v. 7)

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֲמַחֶה אֶת הָאָדָם אֲשֶׁר בָּרָאתִי מֵעַל פְּנֵי הָאֲדָמָה מֵאָדָם  
עַד בְּהֵמָה עַד רֶמֶשׂ וְעַד עוֹף הַשָּׁמַיִם כִּי נַחַמְתִּי כִּי עָשִׂיתֶם:



O termo “*bene haElohim (bünê-häl ’élöhîm)*” é traduzido por Melamed (2001) como “os filhos dos senhores”, e por Almeida (1993) como “filhos de Deus”, assim como a Septuaginta, a Vulgata e a King James Bible (Bible Works 5.0), mas diversos autores traduzem o termo como “anjos” (SKINNER, 1976, p. 143; PHILO, 1894, *Questions and Answers on Genesis I*, p. 28814), “seres celestes” ou “monstros” (CHOURAQUI, 1995, p. 82), “semideuses” ou “seres pertencentes à categoria de *élöhîm*” (GUNKEL, 1997, p. 56), “seres divinos, hostes angelicais, comitiva divina” (SARNA, 1989, p. 45), “filhos de Seth” (Ibn Ezra em *Mikraot Gedolot Meorot*, 1995, p. 131), “anjos vulgares, demônios ou anjos destrutivos” (CASSUTO, 1965, p. 30), “homens que foram criados de uma maneira direta por Deus” (SCHATS, 2008), “grandes da terra” (JOSEFO, 2008, p. 80), “juízes e líderes” (Sefer Jasher, 2010, 4:18, p. 499), “filhos de governantes e juízes” (Rashi<sup>4</sup> em Isaia; Sharfman, 1976, p. 52-54). Em diversos trechos da Bíblia Hebraica, além de Gn 6:2,4, o termo “*bene haElohim (bünê-häl ’élöhîm)*” aparece no sentido de “anjos”: Jó 1:6 e 2:1 (“Num dia em que os *filhos de Deus* vieram apresentar-se perante o SENHOR...”); 38:7 (“quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os *filhos de Deus?*”); Sl 29:1 (“Salmo de Davi Tributai ao SENHOR, *filhos de Deus*, tributai ao SENHOR glória e força”); 89:7 (“Deus é sobremodo tremendo na assembléia dos santos e temível sobre *todos os que o rodeiam*”, com a expressão “*bnê ’elîm*”).

O termo “*bnot haAdam (Bünôt häl ’ädäm)*” é traduzido por Melamed (2001) como “as filhas do homem”, e por Almeida (1993) como “filhas dos homens”, assim como a Septuaginta, a Vulgata e a King James Bible (BibleWorks 5.0), mas o termo pode ser também entendido como “filhas humanas” (CHOURAQUI, 1995, p. 83), “descendentes de Caim” (Ibn Ezra em *Mikraot Gedolot Meorot*, 1995, p. 131), “mulheres mortais” (PHILO, 1894, *Questions and Answers on Genesis I*, p. 28814), “mulheres que foram criadas de uma maneira indireta” (não foram criadas diretamente por Deus, como aconteceu com Eva, segundo Schats, 2008) ou “filhas das classes mais baixas da sociedade” (CASSUTO, 1973). Aparece na Bíblia Hebraica, além de Gn 6:2, 4, em Gn 24:13: “...as *filhas dos homens* da cidade saem para pegar água”.

O termo “*nefilim (nüpîlîm)*” é comumente traduzido como “gigantes” (Melamed, 2001; Weissman, 1980, p. 81-82; Livingston, 2011; Rashi em ISAIAH; SHARFMAN, 1976, p. 52-54; GUNKEL, 1997, p. 58; HESS, 1992; Septuaginta, Vulgata e King James Bible, BibleWorks 5.0), “titãs” (*Targum Yonathan* em KAPLAN, 1981, p. 25; GUNKEL, 1997, p. 58), “poderosos, fortes, heróis” (VON RAD, 1972, p. 115), ou “filhos dos gigantes” (GUNKEL, 1997, p. 58), mas sua tradução literal é “caídos” (BERG, 2003, p. 249-250; BEREZIN, 2003, p. 454; LANSER, 2004; CHOURAQUI, 1995, p. 82; KAPLAN, 1981, p. 25; SARNA, 1989,



p. 46; HESS, 1992; ALTER, 2004, p. 39). Esse termo está presente na Bíblia Hebraica, além de Gn 6:4, em Nm 13:33: “E ali vimos a gente forte, os filhos gigantes de gente forte (וַיַּרְאוּ אֶת-הַנְּפִלִים בְּנֵי עֲנָק מִן-הַנְּפִלִים)”.

Segundo Rashi (comentário sobre Gn 6:2 em *Mikraot Gedolot Meorot*, v. 1, p. 130-131), os *bene haElohim* podem ser filhos de governantes e juizes (magistrados), ou anjos enviados por Deus que se misturaram com os homens. A palavra “*elohim*” na Bíblia Hebraica denota autoridade (*marut*), exemplo: “Tu serás para ele senhor” (Ex 4:16). Esses filhos de governantes ou anjos tomaram para si até mesmo mulheres casadas, homens e animais. O nome dos *nefilim*, que significa “gigantes”, deve-se ao fato de que eles caíram e fizeram o mundo cair (*nüplu*). Seus descendentes foram gigantes como eles mesmos.

Para Ibn Ezra<sup>5</sup> (*Mikraot Gedolot Meorot*, 1995, p. 131), os *bene haElohim* são filhos dos juizes que faziam julgamentos na terra, descendentes de Seth, e as *bnot haAdam* são descendentes de Caim. Os *bene haElohim* têm sabedoria superior e escolheram mulheres que se assemelhavam, cada uma, a um sistema celestial, e seus descendentes foram os heróis. É possível que tenham tomado as mulheres pela força. Segundo Ramban<sup>6</sup> (*Mikraot Gedolot Meorot*, 1995, p. 131-134), os filhos dos juizes praticavam violência publicamente. As mulheres humanas foram levadas à força e violentadas, e as Escrituras contam sobre a violência quando dizem: “de todas as que escolheram”; as mulheres não eram suas esposas, mas esposas de outros homens. O Sefer Jasher (4:18, p. 499) confirma esta opinião: “E seus juizes e líderes foram até as filhas dos homens e pegaram suas esposas à força de seus maridos de acordo com a escolha deles”. Sarna (1989, p. 45) acredita que foi a beleza externa, e não o caráter, o único critério para seleção de companheiras – luxúria, não havendo, assim, sugestão de possessão violenta ou condenação alguma das mulheres envolvidas.

Segundo o Sefer Jasher (4:18, p. 499), os *nefilim* deram origem a outros *nefilim*, e são chamados assim pois o coração dos homens “caía” de medo deles. Seus filhos não eram como os demais homens, pois eram muito grandes – apesar de que eram menores que seus pais em estatura e força, mas em comparação com os homens, eram heróis. Adão e Eva também foram chamados de *bene haElohim*, pois foram criados das mãos de Deus como filhos, não possuíam um pai terrestre. Adão e Eva deram origem a muitos filhos que se pareciam muito com eles na estatura e na força. Todos os filhos de Adão, Seth e Enosh também foram chamados de *bene haElohim*, pois esses três homens foram criados à imagem de Deus. Após estas três gerações, a fisionomia dos homens mudou, e os homens tornaram-se mais parecidos com os macacos. (Desde Adão até Enosh, os homens haviam sido criados à imagem e semelhança de Deus. Após a



geração de Enosh, quatro mudanças ocorreram: as montanhas se tornaram rochosas, impróprias para plantações; cadáveres começaram a apodrecer e gerar vermes; os homens se tornaram mais parecidos com os macacos; e demônios se tornaram livres, segundo o *Midrash Gen. Raba* 23:6 em BIALIK, 1992, p. 25).

Josefo (2008, p. 80) chama os *bene haElohim* de “grandes da terra”, e estes constituíam a descendência de Seth; Josefo chama a descendência de Caim de os “filhos dos homens”, “uma raça indolente”. O *Pirke de Rabi Eliezer* (1916, p. 158-164) afirma que os descendentes de Seth se tornaram homens justos, enquanto os descendentes de Caim se tornaram homens maus, praticando todos os tipos de imoralidades: andavam nus como os animais, praticavam imoralidades com mães, filhas e mulheres casadas, em público e nas ruas.

Para Chouraqui (1995, p. 82-83), os *bene haElohim* podem ser “seres celestes”, como também “monstros”. “Filhos de deuses” e *nefilims* podem ser denominações de tribos, uma da alta cultura, a outra decadente: o *nefilims* vem da raiz *nphl*, “cair”. Os “filhos de *Elohim*” são filhos de Seth por causa de sua santidade, de sua justiça e outras virtudes pelas quais a imagem de *Elohim* neles resplandecia como em filhos. A filiação, imediata e íntima, exprime dependência, semelhança e comunicação.

Segundo Gunkel (1997, p. 56), *bene haElohim* é um termo para seres divinos que, de acordo com a crença da Bíblia Hebraica, se assemelham a Deus em essência e poder, mas são seus subordinados. Esses seres da corte celestial são conselheiros divinos. Eles louvam e entoam cânticos sobre o poder e a majestade divinos e executam suas missões e comandos. Alguns exemplos: “Num dia em que os *filhos de Deus* vieram apresentar-se perante o Senhor...” (Jó 1:6, 2:1); “Tributai ao Senhor, *filhos de Deus*, tributai ao Senhor glória e força” (Sl 29:1); “Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um *filho dos deuses*” (Dn 3:25); “enviou o seu *anjo* e livrou os seus servos” (Dn 3:28); “quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os *filhos de Deus*?” (Job 38:7); “Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o *exército do céu* estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda” (1 Rs 22:19), “e os *anjos de Deus* subiam e desciam por ela” (Gn 28:12). A expressão *bnei haElohim* deve ser entendida em hebraico como “seres pertencentes à categoria de *Elohim*”. Gunkel acredita que a angiologia de Israel seja remanescente e consequente de religiões mais antigas e politeístas, onde os “filhos de deuses” seriam seres gerados por deuses ou deuses de segundo escalão.



Segundo Skinner (1976, p. 141-145), os *nefilim* eram seres que surgiram como consequência da união do “espírito” divino com a “carne” humana, e possuíam estatura gigantesca, ou seja, eram anjos, e sobreviveram até os tempos de Moisés e Josué.

Hess (1992) define *nefilim* como pré-diluvianos descendentes da união entre filhos de Deus e humanas. A raiz do nome é *npl*, “cair”. O nome se refere à sua queda do céu, ou à sua queda pelo pecado, ou à sua queda de *status* como mortos, no momento em que os eventos foram registrados.

Em resumo, existem várias diferentes possibilidades de explicação para os termos *bene haElohim* e *nefilim*: anjos caídos, filhos ou descendentes de Set, governantes ou príncipes e reis tiranos

Em seu comentário sobre Nm 33:13 (*Mikraot Gedolot Meorot*, v. 4, p. 262), Rashi afirma que o termo *nefilim* se refere a gigantes descendentes dos anjos Shamhazai e Azael, que caíram dos céus na geração de Enosh, neto de Adão. A história destes anjos que “caíram” ou “desceram” para a convivência com os mortais é contada por diversas fontes: WEISSMAN (1980, p. 79-80), BERG (2003, p. 249-250) e GINZBERG (2007) possuem três versões similares, mas com diferenças nos detalhes; fragmentos desta história também são encontrados nos pergaminhos do Mar Morto (Qumran, *The Book of Giants*, trad. WISE, ABEGG; COOK, 1996, p. 246-250), como também no *Livro dos Jubileus* (*The Book of Jubilees*, 1913); além de todas estas obras, o *Livro de Enoque* (*The Book of Enoch*, 2011) conta a mesma história de forma detalhada. Curiosamente, existem atualmente diversos romances que se utilizam do termo *nefilim* de forma livre, como se fossem anjos revoltosos ou até mesmo seres extraterrestres.<sup>7</sup>

Weissman (1980, p. 79-80) conta que os dois anjos, de nomes Shamhazai e Azael, conseguem permissão divina para viver entre os homens, para mostrar como os homens são indignos e sua criação foi injustificada. Ambos viveram como seres humanos. Quando contemplaram a beleza das mulheres humanas, não resistiram à tentação. A união destes anjos com as mulheres humanas deu origem aos gigantes da geração imediatamente anterior ao dilúvio, que cometeram os pecados de assassinato, adultério e roubo.

Berg (2003, p. 249-250) se baseia no *Zohar* (69:423-424), segundo o qual os anjos Aza e Azael se rebelaram e foram “jogados” (forçados a cair ou descer) de um nível superior (*nüpilîm* = *hepil*, “cair”). Apareceram para os homens em forma humana e permaneceram assim para sempre. Foram seduzidos por mulheres humanas e ensinaram magias para os homens. Tiveram filhos que foram



chamados de “poderosos” e “gigantes”. Para Berg, os termos *nefilim* e *bene haElohim* se referem aos mesmos anjos.

Ginzberg (2007) conta que os dois anjos, Shemhazai e Azazel, pediram permissão para morar entre os homens quando a geração do dilúvio começou a praticar idolatria. Os anjos não conseguiram controlar suas paixões. Shemhazai se apaixonou por uma moça chamada Istehar. Ela conseguiu, com a ajuda do anjo, “subir” até o céu, e foi colocada na constelação de Plêiades. As mulheres descendentes de Caim tinham o costume de andar completamente nuas fora de suas casas, e suas práticas eram lascivas. As mulheres bonitas e sensuais seduziram os anjos. Os anjos acabaram se relacionando com estas mulheres e perderam suas qualidades transcendentais. Shemhazai teve dois filhos, Hiwwa e Hiyya, e depois se manteve suspenso entre o céu e a terra. Naamah, irmã de Tubal-cain, se uniu ao anjo Shamdon, dando origem a Asmodeus. Seus descendentes foram gigantes, conhecidos pela força e pecaminosidade e receberam diversos nomes: Emim, pois provocavam medo; Rephaim, pois quando as pessoas olhavam para eles os corações das pessoas se enfraqueciam; Giborim, gigantes, pois possuíam estatura gigantesca; Zamzumim, pois eram mestres na arte da guerra; Anakim, pois parecia que tocavam o sol com seu pescoço; Ivim, pois, como a cobra, poderiam julgar a qualidade do solo; Nephilim, pois, tendo descido (caído), fizeram todo o mundo cair junto com eles.

O “Livro dos Gigantes” (Qumran, *The Book of Giants*, Trad. WISE, ABEGG; COOK, 1996, p. 246-250), parte dos pergaminhos do Mar Morto, conta uma parte da história do anjo Shamhazai e de dois de seus filhos, Ohya e Hahya (parecidos com os nomes descritos por Ginzberg, 2007: Hiwwa e Hiyya). Os fragmentos falam sobre os pecados cometidos (miscigenação – mistura de espécies e corrupção) e os sonhos destes personagens, junto com a tentativa de interpretá-los por parte de um personagem bíblico pré-diluviano conhecido, Enoque (Gn 5:18-24). Curiosamente, esses fragmentos registram o nome do herói babilônico Gilgamesh (Cf. *The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, em PRITCHARD, 2011, p. 39-72; Rogers, 1912, p. 80-112), protagonista do épico paralelo à narrativa bíblica do dilúvio. Os primeiros versos abaixo nos remetem ao livro de *Gênesis*: “Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra” (6:5) e “Naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade” (6:4).

[...] they knew the secrets of [...] (2)



[...si]n was great in the earth [...] (3)  
[...] and they killed man [...] (4)  
[...] they begat] giants [...] (5)  
(1Q23 Frag. 9, 14, 15)

[...] everything that the] earth produced [...] the great  
fish [...] (12)  
[...] the sky with all that grew [...] (14)  
[... fruit of] the earth and all kinds of grain and all the  
trees [...] (15)  
[...] beasts and reptiles... [al]l creeping things of the earth  
and they observed all [...] (16)  
[...] eve]ry harsh deed and [...] utterance [...] (18)  
[...] male and female, and among humans [...] (19)  
(4Q531 Frag. 3)

[... two hundred] (1)  
donkeys, two hundred asses, two hundred [... rams of  
the] (2)  
flock, two hundred goats, two hundred [... beast of the]  
(3)  
field from every animal, from every [bird ...] (4)  
[...] for miscegenation [...] 5)  
(1Q23 Frag. 1, 6)

[...] they defiled [...] (1)  
[...] they begot] giants and monsters [...] (2)  
[...] they begot, and, behold, all [the earth was corrupted  
...] (3)  
[...] with its blood and by the hand of [...] (4)  
[giant's] which did not suffice for them and [...] (5)  
[...] and they were seeking to devour many [...] (6)  
[...] (7)  
[...] the monsters attacked it. (8)  
(4Q531 Frag. 2)

[...] flesh [...] (2)  
al[...] monsters [...] will be [...] (3)  
[...] they would arise [...] lacking in true knowledge [...]  
because [...] (4)  
[...] the earth [grew corrupt ...] mighty [...] (5)





[...] they were considering [...] (6)  
[...] from the angels upon [...] (7)  
[...] in the end it will perish and die [...] (8)  
[...] they caused great corruption in the [earth ...] [... this  
did not] suffice to [...] "they will be [...] (9)  
(4Q532 Col. 2 Frags. 1 – 6)

[... this vision] is for cursing and sorrow. I am the one  
who confessed (1)  
[...] the whole group of the castaways that I shall go to  
[...] (2)  
[... the spirits of the sl]ain complaining about their killers  
and crying out (3)  
[...] that we shall die together and be made an end of (4)  
[...] much and I will be sleeping, and bread (5)  
[...] for my dwelling; the vision and also (6)  
[...] entered into the gathering of the giants (7)  
[...] (8)  
(4Q530 Frag.7)

[...] Ohya and he said to Mahway [...] (1)  
[...] without trembling. Who showed you all this vision,  
[my] brother? (2)  
[...] Barakel, my father, was with me. (3)  
[...] Before Mahway had finished telling what [he had  
seen ...] (4)  
[... said] to him, Now I have heard wonders! If a barren  
woman gives birth [...] (5)  
(6Q8)

[There]upon Ohya said to Ha[hya ...] (3)  
[... to be destroyed] from upon the earth and [...] (4)  
[... the ea]rth. When (5)  
[...] they wept before [the giants ...] (6)  
(4Q530 Frag. 4)

[...] your strength [...] (3)  
[...] (4)  
Thereupon Ohya [said] to Hahya [...] Then he answered,  
It is not for (5)  
us, but for Azaiel, for he did [... the children of] angels (6)



are the giants, and they would not let all their poved  
ones] be neglected [... we have] not been cast down; you  
have strength [...] (7)  
(4Q530 Frag. 7)

[... I am a] giant, and by the mighty strength of my arm  
and my own great strength (3)  
[... any]one mortal, and I have made war against them;  
but I am not [...] able to stand against them, for my  
opponents (4)  
[...] reside in [Heav]en, and they dwell in the holy places.  
And not (6)  
[...] they] are stronger than I. (7)  
[...] of the wild beast has come, and the wild man they  
call [me]. (8)  
[...] Then Ohya said to him, I have been forced to have a  
dream [...] the sleep of my eyes [vanished], to let me see a  
vision. Now I know that on [...] (9)  
[...] Gilgamesh [...] (11-12)  
(4Q531 Frag. 1)

three of its roots [...] [while] I was [watching,] there came  
[...] they moved the roots into] (1)  
this garden, all of them, and not [...] (3)  
(6Q8 Frag. 2)

concerns the death of our souls [...] and all his comrades,  
[and Oh]ya told them what Gilgamesh said to him (1)  
[...] and it was said [...] "concerning [...] the leader has  
cursed the potentates" (2)  
and the giants were glad at his words. Then he turned  
and left [...] (3)  
Thereupon two of them had dreams  
and the sleep of their eye, fled from them, and they arose  
and came to [...] and told] their (4)  
dreams, and said in the assembly of [their comrades] the  
monsters  
[... In] my dream I was watching this very night (6)  
[and there was a garden ...] gardeners and they were  
watering (7)



[... two hundred trees and] large shoots came out of their root (8)

[...] all the water, and the fire burned all (9)

[the garden ...] They found the giants to tell them (10)

[the dream ...] [... to Enoch] the noted scribe, and he will interpret for us (11)

the dream. Thereupon his fellow Ohya declared and said to the giants, (12)

I too had a dream this night, O giants, and, behold, the Ruler of Heaven came down to earth (13)

[...] and such is the end of the dream. [Thereupon] all the giants [and monsters! grew afraid (14)

and called Mahway. He came to them and the giants pleaded with him and sent him to Enoch (15)

[the noted scribe]. They said to him, Go [...] to you that (16)

[...] you have heard his voice. And he said to him, He will [...] and] interpret the dreams [...] (17)

(4Q530 Col. 2)

[...] how long the giants have to live. [...] [... he mounted up in the air] (3)

like strong winds, and flew with his hands like eagles ... he left behind] (4)

the inhabited world and passed over Desolation, the great desert [...] (5)

and Enoch saw him and hailed him, and Mahway said to him [...] (6)

hither and thither a second time to Mahway [...] The giants awaig (7)

your words, and all the monsters of the earth. If [...] has been carried [...] (8)

from the days of [...] their [...] and they will be added [...] (9)

[...] we would know from you their meaning [...] (10)

[... two hundred trees that from heaven [came down ...] (11)

(4Q530 Col. 3)

The scribe [Enoch ...]

[...] (2)



a copy of the second tablet that [Epoch] se[nt ...] (3)  
in the very handwriting of Enoch the noted scribe [... In  
the name of God the great] (4)  
and holy one, to Shemihaza and all [his companions ...]  
(5)  
let it be known to you that not [...] (6)  
and the things you have done, and that your wives [...] (7)  
they and their sons and the wives of [their sons ...] (8)  
by your licentiousness on the earth, and there has been  
upon you [... and the land is crying out] (9)  
and complaining about you and the deeds of your  
children [...] (10)  
the harm that you have done to it. [...] (11)  
until Raphael arrives, behold, destruction [is coming, a  
great flood, and it will destroy all living things] (12)  
and whatever is in the deserts and the seas. And the  
meaning of the matter [...] (13)  
upon you for evil. But now, loosen the bonds bi[nding  
you to evil ...] (14)  
and pray. (15)  
(4Q530 Frag. 2)

[... great fear] seized me and I fell on my face; I heard his  
voice [...] (3)  
[...] he dwelt among human beings but he did not learn  
from them [...] (4)  
(4Q531 Frag. 7)  
(WISE, ABEGG; COOK, 1996, p. 246-250)

Segundo o Livro dos Jubileus (*The Book of Jubilees*, 1913, p. 534, 543), anjos se casaram com mulheres humanas e deram origem aos gigantes, que corromperam os seres vivos e se comportaram de maneira corrupta, até mesmo devorando uns aos outros. A ira divina se ascendeu contra esses anjos, que foram tirados de seus domínios e presos nas profundezas da terra, enquanto testemunharam a derrota de seus filhos através da espada, lutando uns contra os outros.

“O livro de Enoque” (*The Book of Enoch*, 2011) conta a mesma história desses anjos com grande riqueza de detalhes. Segundo esse livro, duzentos anjos, “*the children of the heaven*”, chefiados por Shemjâzâ, “desceram” dos céus atraídos



por mulheres humanas (p. 181-193). Esses anjos casaram-se, dando origem a gigantes, que praticaram diversos atos condenáveis, devoraram animais e humanos e beberam sangue, e praticaram até mesmo canibalismo (p. 193-204). Um desses anjos, Azazel, ensinou à humanidade a arte da metalurgia; os homens, então, construíram espadas, facas e escudos, além de ornamentos. Outros anjos ensinaram aos homens diversos feitiços e encantamentos, assim como conhecimentos sobre plantas e a astrologia (p. 204-215).

Muita maldade foi espalhada pelo mundo e muito sangue foi derramado. Vendo isso, Deus envia quatro grandes anjos em distintas missões: Uriel revela a Noé que o fim da humanidade se aproxima, e que somente sua descendência deve ser preservada, conforme Gn 6:17-18: “[...] tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos”); Rafael prende o anjo Azazel, considerado o grande culpado pelos pecados cometidos, em um local escuro do deserto, e cura a terra corrompida pelos anjos; Gabriel destrói os descendentes das relações sexuais imorais (incestos, fornicações, dentre outras) provocando uma guerra contra os filhos dos anjos; e Michael prende Shemjâzâ e os demais anjos que se casaram com humanas por setenta gerações, após deixá-los assistir aos seus descendentes matando-se uns aos outros, até o dia em que deverão ser julgados (p. 238-285). Enoque se encontra com os anjos e escreve uma petição de clemência para Deus, que não é aceita (p. 308-342; 413-424).

Segundo o Talmud<sup>8</sup> (Nida 61a), os irmãos gigantes Sihon e Og, que enfrentam os israelitas no período das jornadas pelo deserto (Nm 21:21-35), eram filhos de Ahijah e netos de Shamhazai.

Em Gn 6:4 há a afirmação de que já existiram gigantes: “Os gigantes estavam na terra naqueles dias, e também depois...”. A expressão “[...] e também depois...” parece conduzir o leitor ao entendimento de que os “gigantes” continuaram existindo, possivelmente até mesmo depois do dilúvio, o que não está claro. “Naqueles dias” possivelmente significa que, no momento em que a Bíblia Hebraica foi escrita, esse fato já era passado, segundo Lanser (2004). Diversos encontros com gigantes são relatados na Bíblia Hebraica, chamados de *Anakim* (“gigante, colossal”, segundo Berezin, 2003, p. 506) ou *Nefilim* (raiz *nafil*: “gigante”; *nefila*: “queda, caída, derrota”, segundo BEREZIN, 2003, p. 454): 1) “[...] E ali estavam Ahiman, Sheshai e Talmi, nascidos do gigante (gigante = *Anak*,) אֲנָכִי” (Nm 13:22). “...Arba era o pai de Anaque (אֲרָבָע אָבִי הָעֶנְקִי) (...), e Calebe expulsou dali os três filhos de Anaque: Sesai, Aimã e Talmi, descendentes de Anaque (וְיִלְדֵי הָעֶנְקִי)” (Js 15:13-14). Esses nomes possuem algumas explicações.



Segundo o Talmud (Sota 34b), Ahiman era o mais forte de todos (*meyuman*), como também o mais habilidoso (Yoma 10a), e construiu a cidade de Anath (Anah). Segundo Bialik (1992, p. 90), Ahiman possuía esse nome, pois costumava se vangloriar: “meus irmãos (*ahai*), quem (*man*) se atreve a me enfrentar?” Sheshai (Sota 34b; Yoma 10a) fazia buracos grandes como poços na terra onde pisava (*shehithoth*), e construiu a cidade de Alash (Alusa); para Bialik (1992, p. 90), Sheshai era forte como o mármore (*shaish*). De acordo com o Talmud (Sota 34b; Yoma 10a) e Bialik (1992, p. 90), Talmai fazia sulcos (*telamim*) na terra quando caminhava. Talmai construiu a cidade de Telbesh (Telbeth). Para o Talmud (Sota 34b) e Bialik (1992, p. 90), os filhos de Anak eram tão altos que pareciam usar o sol como uma corrente decorativa no pescoço (*maanikim*, מַעֲנִיקִים, mesma raiz em hebraico do nome Anak, אֲנָקִי).

“E ali vimos a gente forte, os filhos gigantes de gente forte ( וַיֵּשֶׁב רְאִינוּ אֶת־הַנְּפִלִיִּים ) וַיִּבְנֵי עֲנָק מִן־הַנְּפִלִיִּים (>); e nos consideramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim éramos aos seus olhos” (Nm 13:33). Nessa passagem, é revelado que os filhos de Anak são parte dos *Nefilim*. “...e também filhos de gigantes ( וַיִּבְנֵי עֲנָקִים ) vimos ali” (Dt 1:28).

“Eis aqui seu leito, um leito de ferro, de certo este está em Rabat Amon; tem nove cúbitos de comprimento e quatro cúbitos de largura, segundo o cúbito do homem (Og)”, (Dt 3:11). Um cúbito possui 48 centímetros, segundo Gantzfried (2008, Vol. II, p. 1085). Assim, o leito teria 4,32 metros de comprimento por 1,92 metros de largura.

“Um povo grande e alto, filhos de gigantes ( וַיִּבְנֵי עֲנָקִים ), a quem tu conheces e de quem tu tens ouvido dizer: ‘Quem poderá resistir diante dos filhos de gigante?’” (Dt 9:2).

“Naquele tempo Josué veio e destruiu os Anakim da montanha, de Hebron, de Debir, de Anab e de todas as montanhas de Judá, e de todas as montanhas de Israel; Josué os destruiu juntamente com as cidades deles. Não sobraram *Anakim* na terra dos filhos de Israel; porém, em Gaza, Gath e Ashdod eles permaneceram” (Js 11:21-22).

“E a fronteira de Og, rei de Bashan, que era remanescente dos gigantes ( הַרְפָּאִים )”, Js 12:4.

“E como Moisés dissera, deram Hebrom a Calebe, que dali expulsou os três filhos de Anaque ( הַעֲנָקִים )”, Jz 1:20.



“...seu nome era Golias, da cidade de Gath, e sua altura seis cúbitos e um span (quase 4 metros de altura)” (I Sm 17:4).

“Ishbi-benob, que era um dos filhos do gigante (הַרְפָּה), cuja lança pesava trezentos pesos de cobre [...] Saph era um dos filhos do gigante (הַרְפָּה) [...] o irmão de Golias de Gath, que tinha uma lança com uma seta como um feixe de tecelão [...] havia um homem de enormes dimensões, cujos dedos de cada uma das mãos e dos pés eram seis, totalizando vinte e quatro; ele também nasceu do gigante [...]. Esses quatro nasceram do gigante (הַרְפָּה) em Gath, e foram mortos pelas mãos de David e de seus servos” (2 Sm 21:16-22).

“Sipai era um dos filhos do gigante (הַרְפָּאִים) [...] Lahmi, irmão de Golias o Gitita, que tinha uma lança com uma seta como um feixe de tecelão [...], havia um homem de enormes dimensões, cujos dígitos eram seis para cada [mão e pé], totalizando vinte e quatro; ele também foi nascido do gigante. Estes nasceram do gigante em Gath, e foram mortos pelas mãos de David e pelas mãos de seus servos” (I Cr 20:4-8).

Esses gigantes primordiais eram considerados um exemplo de loucura, de crime arrogante contra Deus e de destruição repentina, segundo Gunkel (1997, p. 59), como também de arrogância, ladroagem e violência, segundo Pirke deRabi Eliezer (1916, p. 158-164).

Livingston (2011) acredita que os *bene haElohim* não podem ser anjos, pois os anjos não são seres sexuados, para que possam ter filhos; também não podem ser filhos de Seth, da linhagem divina, pois esta linhagem não seria tão corrupta a ponto de provocar o dilúvio. Livingston afirma, então, que os *bene haElohim* seriam reis divinos tiranos, governantes que se autoproclamavam filhos ou representantes de alguma divindade. Déspotas fingindo serem reis divinos.

Não é uma expressão sarcástica e nem são seres divinos, apenas praticantes de uma religião diferente daquela do narrador bíblico, que capta o espírito do antigo paganismo. São chamados de “carne”, por seres somente homens, mortais e falíveis – homens reais, cujas falsas afirmações de divindade poderiam ser um desrespeito ou um desafio às divindades. Ao invés de reconhecerem as divindades, estabeleciam sua própria autoridade como líder supremo de um sistema político-religioso fabricado. Assim, conseguiam manter seus subordinados numa completa escuridão espiritual e escravidão física. A narrativa de *Gênesis 6* parece nos informar que havia reis agindo como deuses



ou como representantes dos deuses. Reinados divinos não se desenvolvem, são fabricados por sacerdotes ou nobres que apoiam esse sistema.

Esses homens inteligentes manipulavam os instintos religiosos da população para que o “filho do deus” local fosse seguido e obedecido, utilizando-se de literatura, mitos e épicos gravados em tábuas de argila, como também de papiros, pergaminhos e monumentos, estabelecendo e mantendo o direito de governar de uma certa pessoa, que possuía, teoricamente, o povo local e a terra. As mulheres dos homens poderiam ser mulheres comuns. Os reis divinos, com a pretensão de possuírem todas as pessoas, tomavam à força as mulheres que mais os agradavam. Como exemplos, no *Épico de Gilgamesh* (*The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, Pritchard, 2011, p. 39-71), Gilgamesh arrebatava mulheres casadas da cidade de Uruk: “[Gilgamesh] leaves not [the maid to her mother], the warrior’s daughter, [the noble’s spouse]!” (p. 40); “For Gilgamesh, king of broad-marted Uruk, the drum of the people is free for nuptial choice, that with lawful wives he might mate! He is the first, the husband comes after” (p. 48). Na Bíblia hebraica, Sara é tomada de Abraão pelo faraó (Gn 12), e por Avimelech, rei dos filisteus (Gn 20), e Dina é sequestrada pelo rei hivita de Shechem (Gn 34).

A literatura e os monumentos eram usados, então, para glorificar e exaltar esse homem, filho ou representante de um deus – a religião, assim, se tornou o ópio do povo! A manipulação da religião para propósitos políticos começou na Suméria e foi utilizada em Akad, Assíria, Babilônia, Pérsia, Roma, e, também, na África, nos países do leste asiático e nas Américas. O reinado divino possuía as seguintes características: o rei precisava assumir um caráter de divindade ou semidivindade; precisava estar acima de qualquer lei, possuindo poder absoluto, já que recebe ordens diretas dos céus; deveria haver documentos que corroboram esse direito divino de governar, uma espécie de “constituição”. Muitos monumentos foram fabricados para criar essa impressão, nos quais as pessoas foram criadas apenas para o propósito de servir aos deuses e aos seus representantes. O *Épico da Criação*, *Enuma Elish*, afirma que o homem é criado do sangue dos deuses apenas para servi-los:

Sangue eu vou juntar e fazer ossos existirem. Vou estabelecer um selvagem, “homem” será seu nome. Em verdade, o homem-selvagem eu vou criar. Ele deve ser encarregado do serviço dos deuses. Para que eles [os deuses] possam ficar à vontade. [...] Através do seu [Kingu] sangue, eles moldaram o homem. Ele impôs o serviço e deixou livres os deuses. Depois que Ea, o sábio,





tinha criado a humanidade, impôs sobre ela o serviço dos deuses. (*The Creation Epic – Enuma Elish*, Trad. E. A. Speiser, Pritchard, 2011, p. 33-34)

Assim, Livingston acredita que os mitos e lendas do antigo Oriente Próximo são deliberadamente irrealistas, não se desenvolveram como folclore, mas foram fabricados, copiados, revisados e reutilizados para a manutenção do poder e do controle da classe dirigente, que não acreditava nas superstições que ela própria criava e utilizava para enganar seus servos, mantendo-os em escravidão virtual, sem saber ler e escrever. Os *nefilim*, por sua vez, seriam gigantes, homens de estatura elevada, que pecaram grosseiramente e, por isso, “caíram” – perderam o auxílio divino. Os *Giborim* seriam tiranos, homens famosos e idolatrados por sua infâmia.

Segundo Pinches (2004), os babilônios utilizavam com frequência a frase “um filho do seu deus”, aparentemente para designar “um homem justo”. Assim, as expressões “o homem, um filho do seu deus” ou “o rei, um filho do seu deus” devem ser entendidas apenas como “um homem piedoso”.

Segundo Alter (2004, p. 38), a narrativa de Gn 6:1-4 é arcaica e mitológica, assim como Paton (1915, p. 137), que a descreve como “pura mitologia, similar às histórias das origens dos heróis entre os gregos e outros povos antigos”, ou Gunkel (1997, p. 56-57), para o qual “os semideuses tomarem mulheres terrenas como esposas é um fato completamente mitológico”. Narrativas que lidam com deuses ou filhos de deuses são de natureza mitológica e provavelmente possuem origem extra-israelita. Porém, para Schats (2008), o texto em questão simplesmente afirma que os homens que foram criados de uma maneira direta por Deus se casaram com mulheres que foram criadas de uma maneira indireta, ou seja, não há insinuação alguma de mitologia em Gn 6:1-4.

Mitos são histórias de deuses, segundo Gunkel (1997, p. xiii). Conforme afirma Eliade (1972, p. 8), a palavra “mito” é empregada tanto no sentido de “ficção” ou “ilusão”, como no sentido de “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”. Assim, segundo Eliade (1996, p. 84-85), o mito conta uma história sagrada (o *sagrado* é o *real* por excelência), um acontecimento primordial, um mistério revelado. No âmago do mito está a tensão entre os deuses e outras forças que moldam os seus destinos, segundo Kaufmann (1989, p. 26). Segundo Sarna (1970, p. 6-7), o mito resulta da reflexão do homem sobre a natureza e a origem de tudo o que está ao seu redor, e das suas respostas místicas ou especulativas aos mistérios da existência. Os temas do mito são os eternos dilemas da humanidade comunicados por meio de linguagem



imaginativa. O mito é um acontecimento real vivido que, acredita-se, aconteceu há muito tempo, e continua influenciando o destino da humanidade. Skinner (1976, p. ix) diferencia mito de lenda: a lenda se inicia no plano do fato histórico e se apega aos personagens e movimentos da história real, ao contrário do mito, que é originariamente uma história de deuses sugerida por fenômenos da natureza. Segundo Kaufman (1951, p. 180), o mito surge como um resultado da deificação da natureza; representa as forças da natureza como pessoas com existência independente, como seres que possuem uma “biografia”. Através do mito, o politeísmo interpreta os fenômenos do universo como eventos nas vidas de deuses e deusas. É no mito que o politeísmo expressa sua visão do mundo, e dá sentido para seu culto.

Para Kaufman (1989, p. 12-15, 17, 21-24), a mitologia baseia-se na divinização de forças cósmicas. Os deuses do céu e da terra, da vida, do amor e da fertilidade, da morte e da destruição, da luz e das trevas, do trovão e do raio, do vento e da chuva, do fogo e da água, têm papéis específicos, e são os heróis dos mitos populares, temas de poesias épicas e merecedores da construção de templos, monumentos e imagens em sua homenagem. Os pagãos adoram e sacrificam aos ídolos, esperando receber deles benefício e ajuda. Para a Bíblia, se o deus não é entendido como um poder vivo e natural, a devoção à imagem é apenas um fetichismo. Não há quaisquer deuses estrangeiros ativos. Na Bíblia Hebraica, nunca se diz que os deuses não existem, e em nenhuma parte a crença em mitos ou a sua narração são proibidas. A Bíblia não nega a existência dos deuses, ela os ignora. Ela é não mitológica. A proibição recai sobre o uso dos nomes de deuses estrangeiros em juramentos (Ex 23:13) ou a constante proibição da confecção de outros deuses e seu culto (Ex 20:4).

Segundo Kaufmann (1989, p. 40), na visão mitológica do mundo, os deuses normalmente desempenham um papel significativo na ordem social de todas as culturas. Eles são os patronos de famílias, tribos e nações; são os ancestrais, reis, heróis, fundadores da cultura e da civilização. Podem ser tanto legisladores quanto guardiões da justiça. O homem, por sua vez, segundo Alter (2007, p. 49), está confinado a um conjunto de hierarquias predeterminadas, e não pode ser protagonista. Sua única razão de ser é suprir as necessidades materiais dos deuses. Na Bíblia Hebraica, um deus ou herói pagão não pode ser o protagonista, os atores são sempre Deus, seus anjos, homens ou animais primitivos. Na Bíblia, nenhum mito é caracterizado como falso ou idólatra, cada narrativa mítica é apresentada como uma história verdadeira. “Todas estas narrativas são apresentadas como história, isto é, como fatos que realmente se deram e que tiveram alguma consequência importante para o destino da humanidade ou do povo de Israel”, conforme afirma Alter (2007, p. 58).



Nenhuma matéria mitológica possui intenção depreciativa, não há uma única palavra explícita de polêmica contra mitos pagãos na Bíblia. A luta bíblica contra a idolatria não é uma luta contra o mito idólatra. Em outras palavras, mitologia e idolatria são duas esferas diferentes na Bíblia. Toda a mitologia bíblica é considerada verdadeira, enquanto a idolatria é totalmente falsa. Conclui-se que os elementos mitológicos não possuem relação com a idolatria estrangeira, contra a qual a Bíblia se opõe, e sua presença não é evidência de influências pagãs sobre Israel no período bíblico. A religião bíblica, essencialmente não mitológica, não combate a mitologia. O mito na Bíblia é destruído e suprimido, tendo restado apenas alguns fragmentos remanescentes, segundo Kaufman (1951, p. 181-182).

Outras passagens bíblicas possuem o mesmo teor mitológico, segundo Sarna (1989, p. 45): “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!” (Is 14:12), em que anjos se rebelam e perdem sua dignidade angelical; “Eis que Deus não confia nos seus servos e aos seus anjos atribui imperfeições...” (Jo 4:18), onde se expressa o tema da corruptibilidade dos anjos.

Assim como ocorre no episódio de Gn 6:1-4, casamentos de deuses com mortais são comuns nas mitologias, segundo Skinner (1976, p. 140). Chouraqui (1995, p. 82-83) acredita que temos, nesse trecho, um eco de mitos correntes em Ur, Assur e Babilônia, em que os deuses e as raças de gigantes disputam as filhas dos homens (Nm 13:33; Dt 3:11). Aqui, os *Benéi Elohîms*, “filhos divinos”, não conseguem fundar com as *filhas do humano*, “filhas humanas”, uma raça de imortais, mas somente heróis, pois o homem é de carne. Segundo Alter (2004, p. 38-39), a ideia de deuses masculinos se unindo a mulheres mortais cuja beleza inflama seus desejos é comum na mitologia grega, e talvez narrativas gregas e semitas tenham uma origem comum nas tradições hititas da Ásia Menor. O estilo hebraico desta expressão “valentes que sempre houve, varões de renome” (Gn 6:4) reflete certo caráter épico, parecendo uma citação de um poema heróico antigo ou uma alusão estilística ao gênero épico. Alguns exemplos mitológicos de casamentos de deuses ou semideuses com mulheres humanas: Eros ou Cupido (Grécia), filho de Afrodite, a deusa do amor, com Psique (HALLAM, 2002, p. 114-115); Krishna (Índia), filho de Vishnu, o grande deus, com Radha (HALLAM, p. 116-118); Heimdall (Escandinávia), o guardião da ponte do arco-íris de Asgard, que unia o lar dos deuses ao resto do mundo, filho de nove mães gigantes, progenitor de três classes de humanos com três mulheres diferentes (HALLAM, p. 136); o relacionamento do deus-trovão hitita com Ashertu,



esposa de El-kunirsha (*El, Ashertu, and the Storm-god*, em: Pritchard, 2011, p. 105-106).

Curiosamente, segundo Kaufmann (1989, p. 27), “os deuses estão sujeitos, por sua natureza, a necessidades sexuais. Todas as religiões pagãs têm divindades masculinas e femininas que desejam umas as outras e acasalam-se umas com as outras.” Para Gunkel (1997, p. 56-57), talvez os semideuses precisavam tomar mulheres terrenas como esposas por eles não poderem se casar no mundo dos deuses, portanto, só poderiam se casar com mulheres humanas. A narrativa de Gn 6 deixa claro que a vontade dos filhos de deuses, que possuem poder superior, prevalece sobre a vontade das mulheres humanas. Porém, Hess (1992) acredita que as filhas dos homens propositalmente tiveram relações com seres divinos para produzir descendentes que teriam vidas muito mais longas e talvez até atingir a imortalidade.

Gunkel (1997, p. 59) acredita que a narrativa original deve ter sido mais rica. É difícil imaginar que haveria uma estória sobre casamentos angelicais e gigantes contada apenas com esses poucos detalhes. Essa mutilação do texto é resultante da ofensa causada ao narrador pelo conteúdo altamente mitológico desta tradição. Os pagãos falam sem vergonha alguma do tempo em que deuses e deusas amavam, mas Israel sente aversão pelo cruzamento do divino com o humano. Assim, o narrador só foi capaz de comunicar uma pequena parte da lenda, e assim mesmo com muita cautela.

Segundo Sarna (1989, p. 45), pode ser que a função principal desta condensação da estória original é combater mitologias politeístas. A imagem de seres celestiais se casando com mulheres da terra parece mítica, mas não atropela os limites do monoteísmo. A descendência desta união antinatural pode ter possuído estatura heróica, mas não possui qualidades divinas; são carne e osso, como todos os humanos. Não são apenas mortais, como também seu tempo de vida é severamente limitado em comparação aos personagens listados na genealogia de Gn 5, entre Adão e Noé. Na Bíblia Hebraica, há apenas um Deus que julga e decide. O Deus único é reconhecido como detentor exclusivo do sopro da vida, o qual controla como deseja. A narrativa é seguida pelo veredicto divino sobre a fraqueza humana, e há uma impressão que esta ilustra a magnitude e a universalidade da maldade no mundo. Até mesmo os exércitos celestiais são corruptos. É verdade que a humanidade não é condenada pelos atos dos anjos, mas o efeito é um distúrbio na ordem mundial. Um elemento de desordem é introduzido na criação pela existência de seres intermediários entre deuses e humanos. O pecado das relações com mulheres humanas recai totalmente sobre os anjos – a humanidade e suas filhas parecem inocentes – e



consiste, talvez, de duas partes: imoralidade e desrespeito aos direitos das criaturas inferiores, segundo Skinner (1976, p. 139, 143).

Segundo Andriolo (1981, p. 274), Deus permanece além do mito e da história, claramente distinto do homem. Esta separação clara da esfera divina e da esfera humana ressoa na teologia e na ética judaicas. Devido a essa demarcação, o Judaísmo deixou de promover heróis bíblicos a seres andróginos deus-homem.

Na Bíblia Hebraica, também não há a teogonia, o mito fundamental do paganismo. “O Deus de Israel não tem qualquer linhagem, pais ou gerações; não herda e não lega sua autoridade. Não morre e não é ressuscitado. Não tem quaisquer qualidades ou desejos sexuais e não apresenta nenhuma necessidade ou dependência de poderes externos a ele”, segundo Kaufmann (1989, p. 64).

A limitação da expectativa de vida do homem em cento e vinte anos (Gn 6:3), o dilúvio (Gn 6:6-70) e a Torre de Babel (Gn 11) podem ser algumas das possíveis consequências dos casamentos entre os *bnei haElohim* e as *bnot haAdam*.

A fixação do limite de vida máximo do ser humano ocorre exatamente no meio da narrativa sobre os *bnei haElohim*, as *bnot haAdam* e os *nefilim* (Gn 6:2-4), sugerindo alguma relação de causa e consequência.

E disse o Eterno: “Não lutará comigo o Meu espírito, por causa do homem para sempre, porque também ele é carne; e serão os seus dias cento e vinte anos”. (Gn 6:3)

Por sua vez, a narrativa do dilúvio ocorre logo após esse episódio, parecendo ser uma continuação, ou mesmo uma consequência:

E arrependeu-se o Eterno de ter feito o homem na terra, e pesou-lhe em seu coração. E disse o Eterno: “Farei desaparecer o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até o quadrúpede, até o réptil e até a ave dos céus; porque Me arrependi de os haver feito. (Gn 6:6-70)

Segundo Von Rad (1972, p. 115-116), o decreto divino que separa o reino celestial superior do reino humano (“Os céus são os céus do Senhor, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens”, Sl 115:16) foi quebrado pela mistura de poderes espirituais super-humanos com o homem, um tipo de invasão “demoníaca”. Agora, além das dissoluções dentro da comunidade humana,



surge também uma super-humanidade. Ocorre, então, uma deterioração de toda a criação, que não pode mais ser concebida. E desta propagação excessiva de pecado, Deus desenha uma conclusão correspondente, que é a destruição da criação pelo dilúvio.

O episódio da Torre de Babel (Gn 11) possui uma relação mais sutil com esta narrativa. A Bíblia Hebraica relata a seguinte afirmação dos construtores da torre: “e faremos para nós fama” ( ונעשה לנו שם ) (Gn 11:4). A expressão “varões de renome (אֲנָשֵׁי הַשָּׁמַיִם)” (Gn 6:4) utiliza a mesma fórmula, em hebraico, que a frase “e faremos para nós fama (שֵׁם)” (Gn 11:4). Essa expressão de fama, ou renome, supostamente é um elo, uma ponte entre as duas narrativas (Gn 6 e Gn 11). A narrativa bíblica parece sugerir que os descendentes da união entre os *bnei haElohim* e as *bnot haAdam* (Gn 6:2-4) possam estar relacionados aos construtores da Torre de Babel (Gn 11).

-----

\* **Manu Marcus Hubner** é doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

---

<sup>1</sup> As abreviações dos livros bíblicos seguem, neste artigo, a Bíblia de Jerusalém.

<sup>2</sup> A *Torá* compõe-se dos cinco livros de Moisés, chamados de Pentateuco; a Bíblia Hebraica, ou *Tanakh*, compreende os 24 livros que são a soma dos livros do Pentateuco, Profetas e Escritos. A não ser quando indicado de outra forma, a Bíblia utilizada para citações do Pentateuco neste artigo será a *Torá – A Lei de Moisés*, de Melamed, Editora Sefer, 2001; para citações dos demais livros da Bíblia Hebraica, será utilizada a *Bíblia Sagrada*, de Almeida, 1993, edição revista e atualizada do *software Bible Works*.

<sup>3</sup> A tradução adotada aqui, de Melamed (2001), considera a expressão “*bünê-hä|’élöhîm*” como “filhos dos senhores”, e a expressão “*Bünôt hä|’ädäm*” como “filhas do homem”.

<sup>4</sup> Rashi: Rabi Shelomô Yitschaki (1040-1105) de Troyes, França. “O maior comentarista de sua geração, das gerações que se seguiram e ainda o será nas futuras gerações.” (GANTZFRIED, 2008, v. 1, p. 16-17).

<sup>5</sup> Rabbi Avraham ben Meir Ibn Ezra (Espanha, 1089-1164) foi um rabino, filósofo, astrólogo, matemático, poeta e comentarista da *Torá*.



<sup>6</sup> Rabi Moshé Ben Nahman ou Ramban (1194–1270), nascido na Espanha, foi um grande estudioso, comentarista e cabalista, um dos grandes mestres de sua geração. Nomeado grão-rabino pelo rei de Aragão para representar o Judaísmo. (GANTZFRIED, 2008, v. 1, p. 18-19).

<sup>7</sup> Exemplos de romances modernos que exploram o termo *nephilim* como anjos ou semideuses: KURTZ, Rebecca E. *Secrets of the Immortal Nephilim: To kill a goddess*. Chesapeake (VA): Ephesus, 2010; QUAYLE, Stephen; LONG, Duncan. *Longwalkers: The Return of the Nephilim*. Bozeman (MT): End Time Thunder Publishers, 2008. *Nephilim* como seres extraterrestres: ROBERTS, Scott A. *The Rise and Fall of the Nephilim*. Pompton Plains (NJ): New Page, 2012.

<sup>8</sup> *Talmud* quer dizer “instrução, estudo” (Berezin, 2003, p. 669), uma das obras fundamentais do Judaísmo, considerada sua “lei oral”, que consta de discussões rabínicas sobre diversos temas como leis, ética e filosofia. Possui dois componentes: a *Mishná*, compilada em 220 d.C., e a *Guemará*, por volta de 500 d.C.

## Referências

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

ALTER, Robert. *The Five Books of Moses: A Translation With Commentary*. Genesis. New York: W. W. Norton & Company, 2004.

ANDRIOLO, Karin R. *Myth and History: A General Model and Its Application to the Bible*. *American Anthropologist*, New Series, v. 83, n. 2, p. 261-284, Jun. 1981). Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/676670>>. Acesso em: 14 fev. 13.

BARNAVI, Élie. *História universal dos judeus*. Lisboa: Contexto, 1992.

BEREZIN, Jaffa Rivka. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2003.



---

BERG, Michael R. *The Zohar*. v. II. Los Angeles: The Kabbalah Centre International Inc., 2003. p. 233-261.

BIALIK, Hayim Nahman; RAVNITZKY, Yehoshua Hana (Ed.). *The Book of Legends: Sefer Ha-Aggadah*. New York: Schocken Books, 1992.

BÍBLIA. Hebraico. *Mikraot Gedolot Meorot*. v. 1: Gênesis. Jerusalém: Bruchman, 1995.

BÍBLIA. Hebraico. *Sifrei Hamikra: Sefer Bereshit*. Comentários de M. D. Cassuto e A. S. Hartom. Tel Aviv: Iavne, 1965. p. 30-31.

BÍBLIA. Inglês. *The Stone Edition Tanach*. Ed. R. Nossou Scherman. New York: Mesorah Publications, 1996.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira D'Almeida. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

BÍBLIA. Português. *Torá: A Lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. São Paulo, Sefer, 2001.

BRIEND, Jacques *et alii*. *A criação e o dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

BRIEND, Jacque; LEBRUN, Rercé; PUECH, Emile. *Tratados e juramentos no Antigo Oriente Próximo*. Trad. José Maria da Costa Villar. São Paulo, Paulus, 1998.

CASSUTO, U. The Episode of The Sons of God and The Dauhgters of Man (Genesis 6:1-4). *Biblical and Oriental Studies*, v. I: Bible. Trad. Israel Abrahams. Jerusalem: Magnes Press – The Hebrew University, 1973.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: no princípio. Gênesis*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CHWARTS, Suzana. *Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.





- 
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOKKELMAN, J. P. Genesis. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 49-68.
- FREEDMAN, David N. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. IV. p. 1139-1146.
- GANTZFRIED, S. *Kitsur Shulchan Aruch: o código da lei judaica abreviado*. São Paulo, Maayanot, 2008.
- GINZBERG, Louis. *The Legends of the Jews*. v. 1: Bible Times and Characters, From the Creation to Jacob. Oxford: Gutenberg Foundation, 2001.
- GUNKEL, Herman. *Genesis*. Macon (Georgia): Mercer University Press, 1997.
- HALLAM, Elizabeth. *O livro de ouro dos deuses e deusas*. Trad. Vânia de Castro. São Paulo, Ediouro, 2002.
- HARPER, William R. The Sons of God and the Daughters of Men. Genesis VI. *The Biblical World*, The University of Chicago Press, v. 3, n. 6, p. 440-448 Jun. 1894. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3135560>>. Acesso em: 19 fev. 2013.
- HESS, Richard S. *Nephilim*. In: FREEDMAN, David N. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. IV, p. 1072-1073.
- HUERIN, Yaacob Ben Isjak. *Kisur Seder Hadorot* (Espanhol). Mexico: Editorial Jerusalem de Mexico, 1993.
- ISIAIAH, Abraham Ben; SHARFMAN, Benjamin. *The Pentateuch and Rashi's Commentary: Genesis*. New York: S. S. & R. Publishing Company, 1976.
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2008.



---

KANTOR, Manis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2005.

KAPLAN, Aryeh. *The Living Torah*. New York: Maznaim Publishing Corporation, 1981.

KAPLAN, Aryeh. *Sêfer Ietsirá: O Livro da Criação*. Trad. Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona. São Paulo: Sefer, 2002.

KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. Trad. Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

KAUFMANN, Yehezkel. The Bible and Mythological Polytheism. *Journal of Biblical Literature*, v. 70, n. 3 (Sep., 1951), p. 179-197. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261442>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

LANSER, Rick. There Be Giants in the Earth. *Associates for Biblical Research Eletronic Newsletter*, Jan 2004. Disponível em: <<http://www.biblearchaeology.org/post/2005/12/04/There-Be-Giants-in-the-Earth.aspx>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

LIVINGSTON, David. Who Where the Sons of God in Genesis 6?. *Associates for Biblical Research* (feb 2011). Disponível em: <<http://www.biblearchaeology.org/post/2011/02/04/Who-Were-the-Sons-of-God-in-Genesis-6.aspx>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

MAZAR, Biniamin. *Enciclopedia Mikrait* (Hebraico). Jerusalém: Bialik Institute, 1982. v. 5, p. 169-186.

PHILO. *The Works of Philo Judaeus of Alexandria*. Trad. Charles Duke Yonge. London, H. G. Bohn, 1894, Kindle Edition.

PINCHES, Theophilus Goldridge. *The Old Testament in the light of the historical records and legends of Assyria and Babylonia*. London: Elibron Classics, 2004, Kindle Edition. p. 1053-1074.

PIRKE de Rabbi Eliezer. Trad. Gerald Friedlander. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1916. p. 158-164.



---

PRITCHARD, James B. (Ed.). *The Ancient Near East: An Anthology of Texts & Pictures*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 2011.

SARNA, Nahum. *The JPS Torah Commentary. Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

SARNA, Nahum. *Understanding Genesis*. New York: Schocken Books, 1970.

SCHATS, Elihu A. Sons of Elokim as Used in Genesis. *Jewish Bible Quarterly*, v. 36, n. 2 2008, p. 125-126.

SKINNER, John. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. Edinburgh: T & T Clark Ltd., 1976.

SKOLNIK, Fred (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Jerusalem: Keter Publishing House, 2007. p. 333-337.

THE BOOK of Enoch. Trad. R. H. Charles. Scotts Valley (CA): IAP, 2009, Kindle Edition.

THE BOOK of Jasher. Blacksburg (VA): Wilder Publications, 2010, Kindle Edition. p. 469-533.

THE BOOK of Jubilees. Trad. R. H. Charles. Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 534-543, Kindle Edition.

VAN WOLDE, Ellen. Facing the Earth: Primaeval History in a New Perspective. In: DAVIES, Philip R.; CLINES, David J. A. (Ed.). *The World of Genesis: Persons, Places, Perspectives*. Sheffield (England): Sheffield Academic Press, 1998. p. 22-47.

VON RAD, Gerhard. *Genesis: A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1972.

WALTON, John H. *Ancient Near Eastern Thought and The Old Testament*. Grand Rapids (Michigan): Baker Academic, 2006.

WEISSMAN, M. *The Midrash Says: The Book of Beraishis*. New York: Benei Yakov Publications, 1980.



---

ZACUTO, Abraham ben Samuel. *The Book of Lineage (Sefer Yohassin)*. Trad. Israel Shamir. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 2005, Kindle Edition. p. 397-406.

### **Softwares**

*Bible Hub*, Glassport (PA), 2013, disponível em: <[biblos.com](http://biblos.com)>.

*Bible Works*. Versão 5.0. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

*Judaic Classics Library*. Versão 2.2. New York: Judaica Press, 2001.

*Judaic Classics: The Soncino Talmud*. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.